

CENTRO UNIVERSITÁRIO SALESIANO DE SÃO PAULO
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO SEXUAL

A EDUCAÇÃO SEXUAL DA MULHER DE BAIXA RENDA EM
SITUAÇÃO DE PROSTITUIÇÃO

ORIENTADORA: Prof. ANA CRISTINA CANOSA

MARIA HELENA BRAGA DA SILVA

SÃO PAULO – JUNHO – 2007

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1. PROSTITUIÇÃO NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE.....	13
1.1. A prostituição no Brasil.....	17
1.2. A prostituição: Da Vila Piratininga à grande São Paulo.....	19
2. A PROSTITUIÇÃO NO BAIXO MERETRÍCIO DE SANTO AMARO: LARGO 13 E SEUS ARREDORES.....	28
2.1. Ambiente cultural e importância estratégica e econômica.....	28
2.2. Identificação e caracterização dos pontos e tipos de prostituição.....	30
2.3. Perfil das mulheres que exercem a prostituição no Largo 13 e arredores.....	33
2.4. O mundo imaginário da mulher prostituída.....	35
3. EDUCAÇÃO COMO CAMINHO PARA UMA INTEGRAÇÃO PESSOAL	42
3.1. Educação como história de vida.....	43
3.2. Educação sexual como projeto de vida.....	46
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52
6. ANEXO.....	54

INTRODUÇÃO

Este é um trabalho de revisão de literatura e elaborado no curso de pós-graduação, tendo como tema a educação sexual da mulher de baixa renda e em situação de prostituição. Consideramos que a educação é fundamental na vida de todo ser humano.

O objetivo se deu na tentativa de compreender melhor o fenômeno da prostituição, tendo em vista a acolhida desta mulher que se apresenta desestruturada e desintegrada na vivência de sua sexualidade. A convivência com mulheres que se prostituem, tanto em Belo Horizonte – MG, quanto em São Paulo – SP, promoveu escuta, partilha de vida e aprendizado recíproco. O presente trabalho é o resultado do contato e da caminhada cotidiana junto a estas mulheres.

A inserção nesse universo social ocorreu por meio do carisma congregacional, que tenta, na fidelidade, ouvir o *grito* daquelas esquecidas, usadas e estigmatizadas pela sociedade, as mulheres pobres e em situação de prostituição.

Ao longo deste estudo, tive a oportunidade de fazer algumas constatações a partir das análises conceituais, buscando fundamentação em vários teóricos, nas aulas presenciais e durante a fase de supervisão. O trabalho foi enriquecido também com o conhecimento da realidade através da metodologia de pesquisa de campo, realizada no bairro de Santo Amaro, em abril de 2005, por uma equipe da qual eu fiz parte.

O conceito tradicional de prostituição nos diz que prostituir, é uma atividade comercial que implica a troca de um serviço sexual por dinheiro. Porém, nem todas as sociedades utilizam a denominação “prostituta” para definir a pessoa que recebe dinheiro em troca de serviço sexual. Em alguns países da África, por exemplo, a mulher recebe gratificação em dinheiro do marido pelo prazer que esta o proporcionou.

A prostituição pode ser definida também como troca consciente de favores sexuais por interesses não sentimentais ou afetivos, como favorecimento profissional, bens materiais, dinheiro.

A prostituição ao longo da história teve diversas significações e representações. Atualmente existem variadas teorias para explicar o fenômeno, no entanto, muitas vezes a prostituição é reduzida ao crime contra as pessoas e costumes, tratada de maneira genérica, preconceituosa ou como desvio sexual. E, em geral, fica presa à figura da mulher, não levando em conta fatores condicionantes de um fenômeno tão complexo.

Esta pesquisa destaca a mulher pobre que se serve da prostituição como meio de sobrevivência. Não abordamos neste trabalho a prostituição chamada “de luxo”, das meninas que trabalham em casas de massagem ou a prostituição destacada pela mídia. O foco deste trabalho será a mulher vítima de um sistema político-econômico e social gerador de estruturas injustas, que empurra uma maioria excluída a uma situação de desumanização progressiva. Mulher que carrega sobre si o estigma e os atributos pejorativos e preconceituosos da sociedade, provenientes quase sempre de famílias desestruturadas, e que na maioria das vezes são vítimas de violência sexual dentro da própria família.

Buscando compreender o universo desta mulher, suas histórias, sonhos e as causas que as levam a prostituírem-se, realizamos uma pesquisa de campo em 2005, no bairro de Santo Amaro, Zona Sul da capital paulista. É uma região comercial e ao mesmo tempo um centro distribuidor (passagem) da população, para as regiões mais periféricas e carentes da cidade. Nesta região, principalmente no Largo 13 de Maio e arredores, concentra-se um significativo número de mulheres pobres e em situação de prostituição, que se encontram em alta vulnerabilidade social.

São mulheres vítimas da violência policial, de cafetinas e cafetões, tráfico de drogas, dependência química, violência entre elas, vítimas do descaso em relação à saúde, sem orientação na questão de prevenção DST/AIDS e etc. Desprotegidas em todos os sentidos são marcadas pela depressão, desestruturadas na vivência da sexualidade. Mulheres “guerreiras” que lutam pela sobrevivência delas e dos filhos, enfrentando todos os perigos, sem uma mão que lhes estendam. Muitas destas mulheres estão começando a participar do Projeto das Irmãs Oblatas, presentes na região desde Agosto de 2005. Esta análise da realidade foi sugestiva e ao mesmo tempo iluminativa, para a escolha do tema e elaboração do trabalho.

Acredito que este estudo poderá contribuir na formação integral das mulheres, no resgate da auto-estima, capacidade de amar a si mesma, de valorizar-se e respeitar-se, reconhecendo suas potencialidades, vivendo relações de igualdade com os demais, influenciando de maneira positiva na educação dos filhos. Contribuindo também na formação dos agentes que trabalham no projeto com a mulher, para que, bem orientados, possam entendê-las melhor e ajudá-las no processo de construção de uma sexualidade integrada. Que este trabalho possa ter um impacto positivo sobre a realidade, onde a mulher venha a ser olhada, acolhida, valorizada como ser humano e simplesmente como mulher.

Finalmente, creio ser a primeira beneficiada, confiando e acreditando que o conhecimento só será verdadeiro e útil se provocar mudanças, levando-me a desconstruir uma série de preconceitos e conceitos, tornando-me mais livre para acolher o ser humano tal como se apresenta. Esta pesquisa possibilitou estudo e reflexão sobre vários teóricos, mas tive a oportunidade de contar com a matéria prima que são as próprias mulheres, com as quais continuo partilhando a minha vida.

O trabalho está dividido em quatro partes:

Primeira parte: desenvolve a questão da prostituição na História da humanidade em diversas épocas e lugares, dando um maior destaque ao Brasil e de maneira particular a Zona Sul de São Paulo.

Segunda parte: A prostituição das mulheres do baixo meretrício de Santo Amaro, Largo 13 e arredores. Narrativa breve sobre a História do bairro, cultura, dados sociais, identificação dos pontos e tipos de prostituição, e o mundo imaginário da mulher prostituída.

Terceira parte: Educação como caminho para uma integração pessoal, como história e projeto de vida.

Quarta parte: Considerações finais e referências bibliográficas.

OUTRAS MULHERES

Meu corpo é pedra em que nascem
Corais, sargaços e líquens
Que os homens todos me abracem
Não quero aqueles que fiquem
Gosto, meu bem, de andar nua
Me pinto feito arco-íris
Jamais me tires da rua
Porque jamais serei tua
Se tu não me repartires
Senti paixão por um bando
Escorreguei como os peixes
Por isso eu peço que quando
Sentires que já estou te amando
Eu quero é que tu me deixes
Sou de ceder minhas graças
Não sou aquela que queres
Pertença ao rol das devassas
Não quero que tu me faças
Igual às outras mulheres

(Joyce e Paulo César Pinheiro)

1. PROSTITUIÇÃO NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE

Ao relatar um pouco da história da prostituição, o objetivo é tentar mostrar e entender como os conceitos foram sendo construídos interpretados e adquirindo significados ao longo da história. Os critérios utilizados para definir a prostituição não devem ser universais e tão pouco a mesma pode ser considerada um fenômeno único e igual em todas as sociedades. A sensibilidade sobre o que se considera prostituição pode variar dependendo da sociedade, das circunstâncias onde se dá e do nível moral do meio em questão. Ela é também interpretada de diferentes maneiras de acordo com os significados sexuais, em cada época e em cada lugar. Sendo assim, “Uma adequada abordagem da sexualidade deve contemplar ao mesmo tempo as pessoas na sua individualidade, as pessoas e sociedades nos seus múltiplos relacionamentos” (Moser, 2004: 7).

O mundo antigo considerava a prostituição necessária, tanto na Grécia como em Roma. Já na Idade Média, foi reconhecida como profissão e vista como fonte de renda para o Estado. Com a Revolução Industrial, cresceu de maneira alarmante em todos os países ocidentais, devido ao êxodo rural e às condições de pobreza e promiscuidade das aglomerações urbanas.

A prostituição se perde na História da humanidade, sendo relatada desde os tempos remotos, confundindo-se com a própria História da humanidade. Conhecida como a “profissão mais antiga do mundo”, apresentou-se e continua se apresentando como uma atividade provocadora e desconcertante para a sociedade.

Por datar de tempos imemoriais, muito facilmente é conferido a ela um caráter de coisa natural, fazendo-nos prescindir de análises ou explicações mais sofisticadas. Ao falarmos sobre prostituição, ao que parece possuímos categorias explicativas prontas

dando conta do fenômeno, o que apenas o simplifica ou, o que é pior, aprisiona-o em amarras sociais, políticas, religiosas e morais que impedem uma compreensão correta dessa atividade.

O termo prostituição vem do latim *prostituere*, que significa “exposto ao olhar público”, como um produto na vitrine à espera de ser comprado ou alugado. Popularmente, é conhecida por vários nomes, como por exemplo, *biscate, brega, puta, rapariga, mulher da vida, mulher da zona, vigarista, piranha, quenga, mulher perdida*, entre outros. A partir de uma análise do significado e do sentido destas gírias utilizadas para se referir às profissionais do sexo, pode-se observar o quanto esta palavra está relacionada a aspectos negativos e obscuros da personalidade humana.

A prostituição pode ser definida como troca consciente de favores sexuais por interesses não sentimentais ou afetivos, como favorecimento profissional, bens materiais, dinheiro, etc. Ela caracteriza-se também pela venda do corpo.

Suas raízes podem estar situadas no período do matriarcado, quando a matrona era chefe de família, encarregada do sustento e da proteção dos filhos.

Na época em que se efetuou a mudança para a família patriarcal, a mulher sofreu uma perda total do poder que possuía: a propriedade do solo cultivável passou para os filhos varões e ela deixou de ser dona dos frutos do campo. Com isso, já não podia sustentar-se economicamente. Então, com o domínio do homem e sem meios econômicos acabou iniciando-se no ofício da prostituição (Consoli, 2005:22).

Historicamente, a prostituição estava ligada aos cultos religiosos, como a chamada “prostituição sagrada”, de caráter mágico. No Egito antigo, além da prostituição no templo, a prostituição profana era exercida por dançarinas, musicistas e criadas das tavernas. Na Grécia havia a prostituição no templo desde o século VI. A prática tinha uma ritualização, as prostitutas, consideradas grandes sacerdotisas,

recebiam honras de verdadeiras divindades e presentes em troca de favores sexuais. E havia também os bordéis, casas públicas que os homens freqüentavam às claras. Em Roma havia a prostituição sagrada e a profana exercida quase exclusivamente pelas escravas. Já, na Grécia antiga, a prostituição era associada à união de Deus com a sexualidade humana, necessária para a renovação da vida.

Na Era medieval, as prostitutas passaram a ser consideradas um “mal necessário” já que contribuíam para preservar a castidade das “moças de família”, que deveriam chegar virgens ao casamento e, ao mesmo tempo, estimulavam a “virilidade” do rapaz para que, ao contrário da noiva, não chegasse virgem ao casamento. A prostituta nesta época também era vista como aquela que contribuía para a “honra do lar”, pois o marido precisava satisfazer suas fantasias sexuais e, por considerar desrespeito usar certas práticas com sua esposa, procurava as prostitutas.

No fim do séc. XV, os bordéis se multiplicaram por toda a Europa e por conseqüência houve aumento de incidência de sífilis, doença infecto-contagiosa que se transmitia através das relações sexuais. Como resposta, a sociedade procurou perseguir e julgar as prostitutas como as únicas culpadas por este grande mal. Foram obrigadas a usar trajes diferenciados das outras mulheres de “bem”. Leis se multiplicaram para controlar estas mulheres, chegando a serem punidas com pena de morte. Por lei, elas deveriam se apresentar todos os meses ao médico que examinava suas vaginas, verificando se havia algum sinal de enfermidade. Segundo Consoli (2005), as mulheres eram fichadas de forma que seus nomes nunca saíssem das listas, mesmo quando abandonassem a atividade. Quem quisesse humilhar os filhos, netos ou bisnetos das prostitutas podia tirar a certidão pública.

No século XVIII e XIX, com o advento da Revolução Industrial, houve um crescimento na prostituição, consolidando-se nos meios urbanos devido ao êxodo rural e

à formação de enormes aglomerações. Muitas mulheres conseguiam emprego nas fábricas, porém o salário era muito baixo em relação ao dos homens, não garantindo a subsistência delas e dos filhos, obrigando-as a aumentarem sua renda por meio da prostituição, praticada muitas vezes em troca de favores dos patrões e capatazes. Quesada nos traz uma carta escrita em 1886, ao Ministro do Governo em Madri, por um Bispo beneditino José Serra, que diz o seguinte:

Doze mil jovens belas, cheias de graça, dotadas de encantos, circulam pelas ruas de Madri, não se entregam voluntariamente aos braços do vício pelo simples prazer de se desonrar. Lutam com os tormentos da escassez e depois de derramar lágrimas de sangue, secos os olhos e constringido o coração, vendem o corpo aos déspotas que, mais tarde, vão repreendê-las acirradamente, apregoando hipócritas e desumanamente seu castigo até seu extermínio (QUESADA, 1982: 58).

No fim do século XIX, período das grandes revoluções, de crises econômicas, políticas e sociais, formou-se um campo propício para o alastramento da prostituição. O corpo da mulher passou a ser visto como mercadoria de compra e venda, uma fonte de lucro. É no final deste século que a exploração sexual começa a ser executada por grandes grupos do crime organizado.

Desde o início do século XX, os países ocidentais tomaram medidas visando retirar a prostituição da atividade criminosa, de forma a minimizar o lucro dos criminosos. Dessa forma, as prostitutas passaram a ser perseguidas pelos órgãos de repressão somente se incitassem ou fomentassem a atividade publicamente. A ONU, em 1949, manifestou-se e denunciou a prostituição no mundo, convidando os países a se unirem contra o tráfico e o crime organizado.

No século XXI, alguns países continuam no processo de reconhecimento legal da prostituição como profissão e outros estão analisando e estudando a possibilidade.

Com a popularização dos meios de comunicação em massa, verificaram-se novas formas de prostituição como: o sexo por telefone, via Internet, onde o sexo é vendido em filmes e imagens, criando novas formas de atividade - A prostituição virtual

e midiática. Atualmente, qualquer garota de programa acima da linha de pobreza já conta com seu próprio site na Web. A Internet permite que, com um investimento irrisório, as moças possam ser encontradas facilmente pelos clientes sem precisar de atravessadores, rufiões, cafetinas ou anúncios nos classificados, que são bastante caros. Com a globalização do sexo, muitas delas utilizam as salas de bate-papo, através de webcan, câmera que transmite imagens ao vivo pela Internet. Para preservar o anonimato das mulheres, chamadas “modelos”, esses sites são, em sua maioria, vetados ao país de origem da mulher.

Há também, ultimamente, certa glamouralização da chamada *prostituição de luxo*. Algumas mulheres de nível sócio-econômico médio/alto, universitárias, que têm recursos financeiros para os cuidados com o corpo, prostituem-se por preços altos, correlatos ao seu *status* estético e de conduta social. Este modo de atuar a prostituição é bastante distinto daquele que vivem mulheres de rua que não têm proteção das casas noturnas de nível alto, que inclusive socialmente garantem o *status* de poder aos homens que as freqüentam.

1.1. Prostituição no Brasil

Desde os tempos mais remotos, o fenômeno da prostituição foi tomando novas formas e sofrendo alterações de acordo com o contexto.

Quando os portugueses chegaram ao Brasil não trouxeram suas mulheres, relacionaram-se no primeiro momento com as índias e mais tarde com as negras. É neste momento histórico que o Brasil passa a ter para os estrangeiros, a imagem de um país, erótico, luxurioso, quente, cheio de nudez, envolvido por uma paisagem exótica e um clima tropical, onde tudo era permitido em relação a índias e negras, um verdadeiro

paraíso. Debaixo dessa dita “permissividade”, ocorria estupro e violência com as índias e negras, nem mesmo as crianças eram respeitadas. Os proprietários das terras prostituíam suas escravas, aumentando assim o capital.

A inquisição teve um considerável peso na formação da mentalidade sexual do Brasil Colônia, dando legitimidade a certas práticas, repressão e tabus.

No Brasil, a prostituição é uma constante desde o período colonial, porém transformou-se em objeto de estudo a partir da segunda metade do século XX.

Alguns autores afirmam que as prostitutas do Brasil Colônia foram úteis para a construção e valorização do seu oposto: as mulheres puras, identificadas com a Virgem Maria e distantes da sexualidade transgressora. Nesta realidade, as mulheres que exerciam a prostituição eram vistas como pacificadoras da violência sexual, salvaguarda do casamento e ao mesmo tempo taxadas de meretrizes. (CONSOLI, 2006: 14).

A situação de injustiça e preconceito vivido pelas mulheres empobrecidas do Brasil Colônia levou muitas delas a se prostituírem como meio de sobrevivência; muitas famílias conseguiam sobreviver por meio da prostituição das mulheres. Podemos afirmar que o pano de fundo para essa grave situação era a extrema pobreza vivenciada por grande número de famílias.

Atualmente, a questão da prostituição continua sendo bastante grave. Uma pesquisa do Ministério da Saúde e da Universidade de Brasília indica que, no segundo semestre de 2005, quase 40% das prostitutas estavam na profissão há, no máximo, quatro anos, fato que seria um indício de que a prostituição estaria ligada à juventude e, quando sentem o tempo passar, ficariam desesperançosas. Já o Centro de Estudos de Educação Sexual, ONG que realiza trabalhos com garotas e garotos de programa do Rio de Janeiro e Niterói, diz que a maioria se prostitui para sobreviver, embora muitas pessoas sonham em encontrar um amor, apesar de acreditarem que vão carregar um estigma por toda a vida.

1.2. A Prostituição: da Vila Piratininga à grande São Paulo

Como o trabalho vai retratar a vivência de um grupo de mulheres de baixa renda em situação de prostituição no bairro de Santo Amaro, em São Paulo, vamos retomar a história, nos localizar no que chamaremos de início para compreendermos como se deu o crescimento da prostituição na Grande São Paulo. Partimos da Vila Piratininga - capital paulista, sendo elevada à categoria de vila em 1560. Era um lugar isolado devido a seu difícil acesso através da Serra do Mar. É a esta nova realidade que chega o emigrante branco, fruto de uma sociedade repressora, que agora se via solto na vastidão das selvas, ansioso por satisfazer suas necessidades sexuais. É importante destacarmos que a maioria era obrigada a deixar suas terras de origem por ter praticado vários crimes, inclusive sexuais.

Segundo Fonseca (1982), os encontros nas fontes, onde a população buscava água, pode ser considerado o início da prostituição na Vila. Isto gerava muita preocupação aos dirigentes, tanto assim que foram tomadas certas medidas; “Qualquer pessoa, branca ou negra, macho, que se achar na fonte ou lavadouro pegando moça, escrava, índia ou branca, pagará por isso quinhentos reis e o mesmo pagará qualquer pessoa que foi à fonte não tendo lá o que fazer” (Fonseca 1982:24). Mesmo com toda advertência e punição, as fontes continuaram por muito tempo sendo referência de prostituição, na Vila Piratininga.

Com a descoberta do ouro no século XVI, surgiram também diversos problemas sociais. Muitos homens saíam de casa em busca de riqueza e nunca mais voltavam, deixando mulheres, crianças e idosos abandonados, e para muitas mulheres a única saída era a prostituição. Nesta época houve um grande desenvolvimento da prostituição.

Em 1641, um membro do Conselho da Câmara tomou a decisão de expulsar da Vila duas prostitutas, que se tratava, segundo eles, de “mulheres escandalosas”: “Nesta Vila havia mulheres prejudiciais, a saber, Mariana Lopes e Joana Pereira, que deviam ser despejadas elas e seus maridos e pagarem seis mil reis e cadeia” (Fonseca 1982:24).

Ainda no século XVII foi tomada outra atitude bastante severa, a inauguração do recolhimento para mulheres, chamado recolhimento de Santa Teresa, onde para lá foram as mulheres e seus filhos a fim de chorar os pecados e assegurar a salvação da alma. Nesse período de grande repressão, surgiram as primeiras casas de prostituição, chamadas Casa de Mulheres, que passaram a ser uma constante na cidade. As mulheres, em geral, andavam com o rosto coberto, costume herdado de Portugal, o que ajudava as prostitutas a salvaguardar sua identidade. Em 1733, a Câmara, por meio do Conselho, lançou um edital dizendo: “Nenhum homem ou mulher de qualquer condição poderá depois das avemarias andar com capote de capuz” (Fonseca, 1982:37). No entanto, o costume continuou apesar das ameaças. E como pouco ou quase nada foi conseguido, inúmeras mulheres foram desterradas para lugares desertos como castigo e também para povoar as regiões desertas.

Em 1808, a maior parte da população vivia na pobreza, muitos pais de família haviam sido recrutados para a guerra napoleônica. A situação das mulheres era cada vez mais difícil, devido à falta de atividades que garantissem o sustento delas e dos filhos. As negras dedicavam-se às quitandas, e as brancas à costura. O censo de 1822 encontrou nada menos que 92 costureiras e 48 rendeiras, muitas na verdade praticavam o meretrício, ou pelo menos exerciam as duas atividades. O movimento à noite era maior do que durante o dia, as calçadas ficavam repletas. Eram brancas, pretas, mulatas. Cobriam-se com capotes, usavam chapéus, não eram “escandalosas”, caminhavam

devagar ou esperavam seus fregueses nas esquinas. Um de seus locais preferidos era a famosa Rua das Casinhas, atual Rua do Tesouro (Fonseca, 1982).

Algumas mulheres tiveram destaque como, Rita de Sorocaba e Eufrásia. Rita era uma mulher bela e graciosa que despertava interesse em muitos homens. Foi amada pelos políticos e poetas, entre eles Fagundes Varella que lhe dedicou vários versos e não teve receio de tornar público o seu sentimento por uma prostituta. Em 1 de junho de 1861 publicou entre vários, este verso em homenagem a ela:

Vem! Que me importa o murmurar das turbas!
 Dos homens todos o desdém profundo
 Quando no ermo a teus sorrisos, fada.
 Verei de novo rebentar um mundo.

Vem! Tu serás minha. Atalá formosa.
 Por quem na terra viverei de amores.
 Teu meigo sono velarei cantando
 Teu brando leito juncarei de flores
 Porque te afogas, oh! Irmã dos anjos,
 Nas ondas negras de um viver impuro
 E as santas formas do cinzel de Deus
 Manchas do vício no recinto escuro.
 (FONSECA, 1982:99).

O curso jurídico de São Paulo inaugurado em 1828 teve muita relação com a prostituição. Os estudantes de Direito eram os grandes freqüentadores que participavam de festas e orgias com as mulheres. Numa destas festas, Eufrásia, a bela, que atraía todas as atenções para si, foi morta: “Foi colocada viva dentro do caixão e levada em cortejo pelos estudantes; quando foi aberto o caixão no cemitério, para que eles aproveitassem dela, perceberam que estava morta” (Fonseca, 1982:106).

Em 1855, o número de mulheres atacadas pela hanseníase era grande sendo que muitas delas exerciam a prostituição. Elas moravam afastadas, mas à noite, aventuravam-se pelo centro da cidade e como tinham o rosto encoberto, passavam despercebidas. Pelas ruas da cidade perambulavam homens e mulheres que, além da hanseníase, sofriam de outras doenças, como a sífilis.

A partir da segunda metade do século XIX, a prostituição começou também a fazer parte da dinâmica dos hotéis, onde eram realizados bailes e os fregueses podiam sentir-se à vontade, devido à privacidade garantida. Os donos dos hotéis anunciavam em jornais o dia e a hora das diversões. A prostituição começou então a tomar outras características. Os donos geralmente eram estrangeiros e traziam “novidades” de fora do país.

Os bordéis de luxo recebem estrangeiras, francesas, polacas, portuguesas, espanholas, italianas que são percebidas como introdutoras de hábitos mais modernos de comportamento sexual e de relações amorosas. A atração que representam para a cidade em processo de modernização pode ser aprendida nos inúmeros relatos de memorialistas, que nos romances, ou mesmo nos registros policiais que apelam para o perigo da “*femme fatale*” (CONFERÊNCIA REGIONAL LATINO – AMERICANA E CARIBENHA, 1992: 39).

A capital irrompeu em um processo vertiginoso de desenvolvimento que a transformou na grande metrópole de nossos dias. Ao constatarmos a grande influência exercida pelos emigrantes em toda crescente transformação, faz-se possível percebermos a mudança de comportamento e costumes ocorrida, inclusive variações na composição étnica da população. Este enfoque merece destaque, pois nos chama a atenção para um fator que em muito contribuiu para o aumento da desigualdade nas relações sociais, ou seja, as diferenças raciais.

Há uma mescla de intencionalidade que traz muitos (as) emigrantes a esta capital em desenvolvimento, a necessidade de trabalho, de lugar para viver, como também a busca de refúgio por criminosos, condenados e prostitutas expulsas de suas terras sonhando com outras realidades. E certamente tudo isso mudava as relações sociais.

De acordo com Fonseca (1982), antes da imigração, a prostituição estava voltada quase que exclusivamente para a subsistência das mulheres. Era um meio para se evitar a miséria, na verdade era uma prostituição miserável. Com o aumento da imigração, a situação se modificou e, ao invés de mulheres pobres em busca de sobrevivência, chegam as mulheres estrangeiras, que vinham “fazer a América”, ou seja, mulheres que

sonhavam em enriquecer e retornar a seu país de origem ou até mesmo radicar-se no Brasil.

O progresso alcançado pela Grande São Paulo atingiu seu ponto máximo no início do século XX, a cidade experimentou mudanças significativas na sua paisagem urbana. Vivia-se uma euforia e uma busca frenética no sentido de reproduzir na cidade o mundo europeu, principalmente através de novos lazeres e possibilidades de busca do prazer.

A vida noturna tomava outro rumo e com ela surgiam novos personagens, como as prostitutas e os cafetões. O cotidiano monótono foi se modificando, atraído pelas novidades. Passear pela cidade, divertir-se nas Casas de Espetáculos, admirar as vitrines, freqüentar os restaurantes, cafés, já fazia parte do dia a dia dos paulistanos.

Nesta época surge a figura da “francesa”, prostitutas de luxo, meretrizes estrangeiras ou aquelas que representavam esta cultura, tidas como superior. A prostituição de luxo tinha uma função civilizadora, ensinava novos códigos sexuais aos fazendeiros, seus filhos e demais provincianos. Iniciar-se sexualmente pelas mãos das “francesas” tornou-se símbolo da modernidade e do refinamento dos costumes. As artistas de cabarés, de teatros e de cafés animavam a vida noturna e ditavam a moda “francesa”, ao desfilarem com trajes, caríssimos e cobertas de jóias.

Sobre a cortesã européia, especialmente à francesa, lançavam-se adjetivações amedrontadas, olhares curiosos, gritos de alegria, pois aparecia como muito mais sedutoras e experientes do que qualquer outra. Percebidas como alguém proveniente de uma sociedade mais avançada, onde imperavam hábitos totalmente desregrados, tornava-se temível e desconhecida aos olhos deslumbrados dos paulistanos provincianos (RAGO 1991:43).

O Brasil da *belle époque* era uma sociedade que negava a realidade ou queria acabar com a imagem de uma nação habitada por indivíduos de origem indígena ou africana. O prazer tão buscado deveria ter o estilo francês, e de preferência na

companhia de prostitutas bem vestidas e brancas. O francês era a língua adotada e preferida e Paris, a referência intelectual e da moda.

Neste momento da história temos não somente mulheres que fazem da prostituição seu meio de vida ou de ascensão social, mas mulheres e homens que exploram esta atividade exercida por outras mulheres. E nasce um elemento novo nesta relação, um intermediário conhecido por cafetão ou cafetina, peça importante na transformação da prostituição paulistana em uma prostituição de glamour, competitiva e por vezes muito violenta.

Segundo Fonseca (1982), em 1914, a polícia registrou na capital, 812 prostitutas, sendo 303 brasileiras e as demais estrangeiras como: russas, italianas, alemãs, francesas e espanholas. Já em 1936, os arquivos da delegacia de costumes do Gabinete de Investigação, havia cadastrado 10.000 mulheres, destas 4.600 brasileiras e as outras estrangeiras. Em primeiro lugar estavam as francesas, somando 576 mulheres.

A prostituição, que antes era destinada a lugares mais públicos, com a busca de clientes na rua, começou a ganhar um novo perfil em lugares mais fechados, ou seja, casas de prostituição com nomes finos e freqüentados por boêmios com alto poder aquisitivo, fazendeiros e políticos. Estas casas possuíam gabinetes reservados, que davam mais privacidade aos freqüentadores. As cafetinas faziam desfilar suas mais recentes aquisições no grande salão, diante dos coronéis e autoridades paulistanas. As longas noites eram transformadas em excelentes exposições de mulheres aos possíveis consumidores.

Dentre os vários lugares utilizados à aquisição de mulheres para as casas noturnas, encontram-se os cafés-concerto como fontes abastecedoras, onde as cafetinas conseguiam aliciar as futuras prostitutas para suas casas.

Aos poucos, estas belas e finas mulheres foram conquistando espaços na sociedade, e rompendo barreiras. Circulavam sem escândalos pelos mesmos espaços públicos freqüentados por famílias influentes da sociedade paulistana. Estas novas formas de relações trouxeram mudanças para a sociedade, alterando regras de civilidade, polidez, refinamento, modas, tudo sendo influenciado pelas prostitutas. Estas influências eram perceptíveis não somente nos rapazes, mas principalmente nas jovens e mulheres adultas das camadas privilegiadas da cidade.

A forma dos homens se relacionarem com as mulheres mudou de maneira significativa, neste momento da história, tanto nas pensões de mulheres quanto nos bordéis. Tornaram-se mais educados, não utilizando somente sutilezas sexuais, mas aprimoramentos artísticos, literários, sociais e um crescente cuidado com a higiene pessoal.

A reforma urbana de 1911, na cidade de São Paulo, fez com que as prostitutas fossem empurradas para localidades consideradas mais distantes naquela época. Os bordéis ficaram confinados ao bairro do Bom Retiro, onde viviam muitos imigrantes judeus. O número de judias prostitutas era grande, procuravam o Brasil, fugindo da perseguição religiosa e da miséria, sabiam falar francês, algumas se passavam por francesas, permitindo uma melhora nas suas condições de vida.

As comunidades judaicas sentiam-se incomodadas com a presença delas, pois poderiam ser também estigmatizados devido ao comportamento de suas conterrâneas, justamente no momento em que estas comunidades lutavam para construir uma identidade positiva no Brasil.

O termo “cafetão” surgido nesta época, 1910-1920, podendo referir-se ao cafetã, robe tradicional dos homens judeus do leste europeu.

Em 30 de dezembro de 1953, foram proibidos lugares públicos de prostituição, o confinamento de espaços de prostituição marca com certeza o fim de uma fase da história da prostituição na capital paulistana (Fonseca, 1882).

É neste momento da história que o meretrício assume novos rumos, com outras formas. Em decorrência destas mudanças surgiram novos estabelecimentos de prostituição, porém, disfarçados, mas sem esconder suas reais finalidades.

No entanto, vale ressaltar que a prostituição de rua nunca deixou de existir e foi mais ou menos perseguida e combatida na cidade de São Paulo durante sua história. Atualmente, há bairros, ruas e avenidas, sabidamente locais de exibição de corpos para fins de meretrício de mulheres, homens e travestis.

2. A PROSTITUIÇÃO NO BAIXO MERETRÍCIO DE SANTO AMARO: LARGO 13 E SEUS ARREDORES.

Ao focarmos nossa atenção em Santo Amaro é necessário retrocedermos na história para nos localizarmos. O século XVI é um marco central na vida do pequeno povoado que não tardou a seguir o caminho rápido de crescimento. Neste momento, a influência da religião católica era grande e o objetivo dos religiosos ali presentes era *catequizar* os povos nativos.

Como município, sua história política independente durou mais de um século (1832-1935). Santo Amaro foi uma cidade autônoma, até o Decreto de nº. 6983, datado de 22 de fevereiro de 1935, no qual o Governo do Estado de São Paulo decidiu anexar este município à cidade de São Paulo (informações extraídas de registros históricos, fornecidas pelo Paço Cultural de Santo Amaro).

Embora tenha ocorrido mudança no estado jurídico do município, Santo Amaro nunca deixou de exercer uma força política e estratégica sobre as demais regiões de seu entorno. É por esta forte influência que Santo Amaro se torna um centro de referência para toda zona sul de São Paulo.

Ambiente cultural e importância estratégica e econômica

É no Paço Cultural Júlio Guerra, antiga prefeitura de Santo Amaro, atualmente localizada dentro de um espaço de prostituição, que tem como objetivo resgatar e difundir a história e a identidade Santo-amarense, que tomaremos como ponto de referência neste trabalho.

Resgatar a tradição local implica retomar vários elementos que permearam a cultura do município, através da miscigenação alemã, portuguesa, indígena e negra. Atualmente, é forte a influência nordestina com elementos bem diferentes das outras forças culturais, o que podemos comprovar por meio da comida local (carne-seca, feijão de corda, legumes, frutas típicas do nordeste brasileiro, pimenta e demais temperos fortes). Tudo vendido ao longo do Largo Treze e em diferentes empórios do bairro.

Estes valores culturais não são restritos somente aos alimentos, são encontrados nos rostos nordestinos que circulam na região. Rostos marcados pelo sofrimento, cansaço e luta diária pela sobrevivência, traços que caminham lado a lado também com a alegria, a acolhida e a festa. A cultura percorre e penetra as ruas de Santo Amaro, sobre tudo o Largo Treze, medida por olhares, cheiros, encontros, cores, as diversas mercadorias expostas nos bares, mercados, camelôs, lojas e armazéns.

Em meio a estes diferentes estímulos sobressai aos olhos de quem passa a miséria, a pobreza, a marginalidade, o sofrimento, a violência, o desemprego, o tráfico de drogas, a prostituição de mulheres e a exploração sexual de adolescentes. Uma verdadeira confusão e recortes da vida social que são compartilhadas nas impressões vivenciais e experiências das diversas pessoas que circulam, vivem, sobrevivem, moram e trabalham em Santo Amaro, nesta área central.

São lugares de alta vulnerabilidade social devido a uma soma de fatores tais como; falta de organizações sociais e serviços públicos adequados. A maioria dos moradores do entorno procura Santo Amaro para responder suas demandas e este por sua vez, não consegue responder à grande procura.

Ao enfatizarmos as inúmeras demandas vindas de outros distritos da zona sul, ressalta que, grande parte das mulheres que se prostituem no Largo Treze e corredores,

vêm destes distritos. Na verdade o centro de Santo Amaro é a porta de entrada e de escoamento da população da zona sul para outras regiões da cidade.

Identificação e caracterização dos pontos e tipos de prostituição

Em 2005, Flávia Mateus Rios, Gabriela Santos, Maria Helena Braga e Sirley da Silva realizaram uma pesquisa para o Instituto das Irmãs Oblatas, onde foi possível fazer uma análise da prostituição da região central de Santo Amaro. Configurou-se em um trabalho de rua científico-popular que buscou lugares não citados pela mídia, focando somente a prostituição de casas de massagem, que somam um grande número. Estas casas citadas acima atendem a um público diferenciado, ou seja, a classe média e média alta.

A localização dos pontos de prostituição identificada é estratégica, por serem pontos de conexão dos diversos distritos e inúmeros bairros da Zona Sul com o restante da cidade (próximo à estação de ônibus, comércio local e praças):

Largo 13 – Pátio da Igreja: Pouca concentração de prostitutas, girando em torno de cinco em vários períodos do dia, e que por ser um local de passagem e de encontros, além de estar no Pátio da Igreja, tende a apresentar um tipo de prostituição “camuflado”.

Concentram-se neste local as prostitutas de *final de carreira* com média de permanência nas ruas acima de 30 anos. Apresentando grande desgaste físico, proporcionado pelo tempo e a exposição excessiva a agentes nocivos, mal cuidadas e vestidas com trajes simples e puídos. É um grupo bastante heterogêneo em termos étnico-raciais, a maior parte das mulheres é do Sul e Sudeste, vivendo há mais de 20 anos na cidade de São Paulo. Todas são da Zona Sul, de diversos distritos da região.

O perfil sócio-econômico deste grupo é de alta vulnerabilidade social, a maioria reside só com filhos e ganha em média R\$150,00, sendo que na maior parte dos casos, vive só com esta renda. Apresenta baixa escolaridade e todas não estudam atualmente.

Rua Senador Flaquer: Com características divergentes de todos os outros pontos de prostituição, a Rua Senador Flaquer apresenta sinais evidentes de prostituição ligada à cafetinagem, segundo o que a observação de campo pôde apresentar. Esta hipótese foi confirmada pelas tentativas de abordagem realizadas, sempre seguidas de reações de afastamento e desconfiança por parte das mulheres abordadas. Este foi o único ponto no qual não conseguimos realizar abordagem, o que resultou em uma caracterização baseada exclusivamente na observação de campo.

Dentre os pontos identificados, este é o que apresenta maior número de prostitutas, com idades variando entre 25 a 50 anos, bem cuidadas e com roupas provocativas. Estas fazem ponto, sobretudo na frente de dois hotéis. Nos horários de pico, quinta e sexta-feira no final da tarde, é possível encontrar em torno de 25 mulheres espalhadas nas imediações da Rua Flaquer. Ao longo da Rua encontram-se cerca de quatro bares, um cinema de filmes pornô e quatro hotéis.

Esse seguimento é considerado pelas demais prostitutas, como o de maior rentabilidade. Com o passar do tempo, frente ao desgaste de imagem junto aos frequentadores desses hotéis e a depreciação estética, migram-se para as praças, ruas e bares.

Rua Paulo Eiró: O número médio de prostitutas gira em torno de 15, que possuem pontos fixos ligados a dois bares e um hotel. Este número sofre considerável aumento nos horários de maior circulação de pessoas, finais de tarde e de semana. Não possuem relação de cafetinagem com os bares e hotéis, mas sim se caracterizam pelo tipo de prostituição no qual há um acordo das mulheres com os donos dos

estabelecimentos, de chamarem os homens a consumirem e a utilizarem os quartos localizados no fundo do bar para o programa. Dentre os pontos identificados foi o que tivemos maior sucesso na abordagem.

Entre essas mulheres, há um grupo que não se caracteriza por prostitutas, mas segundo elas como “ladras” por realizarem pequenos furtos. Abordam os clientes chamando-os de forma invasiva e até mesmo puxando-os pelo braço. Na abordagem realizada pela equipe de pesquisa, uma das mulheres confirmou a realização dos furtos descrevendo a forma como ela é feita, desde a abordagem até o furto consumado, movimento realizado em grupo de duas ou três mulheres. Este é também um grupo de alta vulnerabilidade social, rostos sofridos, algumas utilizam drogas pesadas, como o crack.

Praça Floriano Peixoto: Ponto de prostituição com número médio de prostitutas “circulantes”, girando em torno de dez. O tipo de prostituição é de mulheres que se espalham pelas imediações da praça, que possui pontos bem definidos de localização, vestem-se de forma discreta. Podemos observar dois grupos, um de mulheres maduras e outro de mulheres mais jovens.

A Praça Floriano Peixoto é um local propício para a prostituição devido à grande circulação de pessoas e ao grande número de homens que fica espalhado por toda a praça, sendo estes em sua maioria formada por homens jovens e de meia idade, aparentemente desempregados. Pessoas com as quais estabelecemos contatos informam que a Praça também é ponto de venda de drogas. As mulheres da Praça realizam um grande número de programas de baixo preço, na tentativa de manter uma determinada renda.

As mulheres que são mais expostas publicamente nas ruas, praças, bares, são vítimas de maior violência, situação que pode levar a um estado contínuo de estresse, capaz de gerar desequilíbrio emocional.

A depreciação física a qual se submete uma prostituta pode ser avaliada pelo valor cobrado por programa, que decresce em função do número de horas trabalhadas e do número de relações por dia. Na medida em que a prostituta vai envelhecendo, seus ganhos começam a diminuir. O valor cobrado por programa também decresce em função da idade.

2.3. Perfil das mulheres que exercem a prostituição no Largo Treze e arredores

O contingente pesquisado sobre a prostituição na Região de Santo Amaro, permitiu-nos a mensuração do número de prostitutas deste local. O centro comercial Largo Treze e arredores possuem cerca de 100 prostitutas, de acordo com a pesquisa realizada em 2005 (relatório). O espaço onde se exerce a atividade ou que dá acesso à mesma determina as atividades ali disponibilizadas. Estas atividades são variadas e definidas pelo preço, qualidade e tempo.

No total 25 mulheres responderam o questionário (anexo). Este grupo é composto por: 76% residentes na zona sul; 24% em Santo amaro, 16% Cidade Ademar, 16% Jardim Ângela e 12% Parelheiros (Relatório 2005:27-28). Assim sendo, a maioria das mulheres (56%) é originária da Região Norte e Nordeste, sendo o restante oriundo do Sul e Sudeste do país (24%), e 20% do Estado de São Paulo (Relatório 2005:28, gráfico página 19).

Em relação à idade destas mulheres, o universo prostituído é bastante equilibrado, 44% com idade até 30 anos, 25% até 40 anos, e 24% acima de 45 anos (Relatório 2005: 29 gráficos). Com relação à origem étnico-racial, 52% se identificam como pardas, 20% como pretas, constituindo enquanto população negra, somatório de pretos e pardos – categoria IBGE, 72% das mulheres do universo pesquisado, sendo 20% as que se identificaram como brancas e 8% como indígenas. (Relatório 2005:30).

A maioria das mulheres (48%) vive somente com seus filhos, o restante em situação familiar bastante heterogênea, 16% vivem sozinhas, 16% com filhos e companheiros e 16% com companheiros (Relatório 2005:38). A baixa escolaridade é característica de quase todo universo pesquisado, a maioria (40%) concluiu apenas o primário, 12% nunca estudaram e 20% possuem o ensino fundamental incompleto. Apenas 12% possuem o ensino fundamental completo e 4% têm o ensino médio completo (Relatório 2005:32). Apesar da baixa escolaridade, nenhuma está estudando atualmente.

Com relação ao tempo de trabalho como profissional do sexo, a maioria (36%) tem até 10 anos ou mais de prostituição, seguida de 24% com até cinco anos e 16% com três anos. Desta totalidade, 52% têm somente na prostituição sua fonte de renda, e 40% possuem outro tipo de renda (Relatório 2005:32). A renda média familiar é inferior a um salário mínimo, chegando a R\$ 210,00 por mês. A maioria das mulheres (88%) demonstrou interesse em algum tipo de intervenção social relacionado ao trabalho e geração de renda. Grande parte, por meio da organização coletiva para o trabalho em cooperativa ou associado.

2.4. O Mundo imaginário da mulher prostituída

A história oral é uma prática dinâmica, viva, que tem o seu valor em si mesma, e fornece elementos complementares para a compreensão da realidade. Por isso, acredito ser importante trazer os depoimentos de algumas mulheres do centro de Santo Amaro, onde foi realizado o perfil demográfico da prostituição.

O material adquirido foi extraído dos relatórios das abordagens, oficinas de saúde, reuniões semanais e outros, compreendidos entre 2005 e 2007. Este material se encontra no projeto “Programa de Atenção à Mulher” das Irmãs Oblatas, no centro de Santo Amaro.

Os nomes utilizados nesta exposição são fictícios, resguardando assim a identidade de cada uma.

Em meio a experiências vivenciais com algumas mulheres acompanhadas pelo projeto, colocamos em destaque as falas de algumas, que revelam e muito a realidade em que se encontram, temáticas que fazem parte de seu dia a dia, tais como: violência, preconceito, religiosidade, opções, prazer e outros, vividos de maneiras diferentes, de acordo com os referenciais e os pontos de vistas de cada uma delas.

Algumas histórias sobre a procedência da prostituição relatam que as mulheres chegaram a esta realidade empurrada pela falta de oportunidades, de alternativas, pela pobreza ou por problemas familiares. Podemos observar isso por meio dos depoimentos de algumas delas:

Verônica, 29 “Eu quero ir embora pra minha terra, Capim Grosso, já construí minha casa. Vou arrumar um trabalho de artesanato, um negócio só meu, quero sair desta vida. Vim parar nessa vida porque tava passando fome com os meus filhos, agora já chega disto aqui”

Jane, 38 “Não tenho nenhum prazer nesta vida a não ser o prazer de tá ganhando dinheiro pra sustentar meu filho, isso aqui não é vida, é pura humilhação. Meu filho nem imagina uma coisa dessa e ele tem 14

anos, não quero que ele fique sabendo. Eu já fui cozinheira registrada, fui despedida e não consigo arrumar emprego”.

Rosalina, 30 “Eu não quero chegar aos 40 na prostituição, preciso de um emprego, olha a Márcia (aponta a companheira) tem 60 anos, tudo caído, sofre humilhações, como é triste chegar a essa idade e ter que prostituir, eu não quero isso pra mim não”.

Karina, 28 “Detesto o que faço, o que importa mesmo é o dindim. Eu ganho bem, mas cobro caro, é R\$ 60.00 com direito a tudo, quase tudo”.

Rosalina, 30 “Me ajuda a arrumar um serviço, não agüento esta vida, eu topo tudo, eu sei fazer faxina muito bem, e umas 3 por semana dá pra eu viver bem”

Cida, 42 “Essa vida é cruel, só faço isso pelos meus filhos, tenho consciência que estou fazendo algo errado, porque quando estou com um cliente não sinto prazer, fico pensando na mulher dele e sinto que sou traidora. Eu morava com um viúvo e não precisava disso aqui, mas ele faleceu, eu estou buscando os meus direitos, vivi com ele cinco anos, mas os filhos dele estão impedindo, se eu conseguir, largo essa vida isso não é coisa pra gente normal não”.

Camile, 23 “Estou muito insatisfeita e quero sair dessa droga, eu tava vivendo com um cliente policial, mas ele foi morto em serviço e eu tive que voltar pra esta vida. Eu tenho um filho dele, tem dois aninhos, vou procurar os direitos dele, gostaria da ajuda de vocês”.

Conforme percebemos no contato com as mulheres, seus familiares geralmente não sabem o que elas fazem ou se sabem preferem fingir que não sabem. Elas sofrem com esta situação, escondem-se dos filhos e se preocupam com a possibilidade de eles as encontrarem nos pontos de prostituição. Tudo isto gera certa tensão.

Camile, 23 “Eu não conto pra minha família, eles não podem nem pensar, às vezes tenho que atravessar a noite e fico de dia também, falo que trabalho numa lanchonete, é uma vida muito arriscada”.

Camile, 23 “Antes eu trabalhava em prives, é bom porque não tem que beber com cliente e fico segura dentro do local e não tem o perigo de ser vista, ou por familiares, vizinhos ou gente conhecida, e também tem mais segurança, mas é nos prives e boates que vejo as coisas mais absurdas”.

Cristina, 48 “Não gosto desta vida é muito sofrimento, me sinto sozinha, não posso nem conversar sobre isto com minha família e além do mais tomar cuidado para não deixar escapar nada. Tem hora que me dá um desespero”.

Fabiana, “Todos os dias que eu chego da batalha, eu molho um avental e estendo para os meus vizinhos ver, eles andaram desconfiando de mim, então eu achei esse jeito de disfarçar”.

Fabiana, 27 “Me engravidei com o dono da boate pensando que isso poderia melhorar minha vida, mas foi ilusão, continuo sem dinheiro e o pior não tenho paciência com os meus filhos, não sei como educar eles”.

Mas de acordo com outros depoimentos, podemos perceber que algumas mulheres não se sentem tão mal e até possuem sonhos, fantasias, desejos, e se sentem também pressionadas pela obrigação de sustentarem seus filhos:

Joana, 31 “Eu não tenho o que reclamar desta vida, sempre tenho o que eu quero, ganho bem, já viajei para Itália, conheço outras pessoas, sou bem tratada, crio bem os meus filhos e ainda ajudo os meus pais. Só tenho que agradecer a Deus, gosto do que faço”.

Kátia, 32 “Não tenho o que reclamar, encontro homens carinhosos e ganho bem, esta “vida de academia” não é tão ruim assim, tem muita sacanagem, mas é “divertida”.

Renata, 42 “Eu me sinto valorizada quando uns homens bonitos me fazem carinho, me olham, eu me sinto mais mulher, eu gosto mesmo. Mas têm outros que dá nojo, eu não vou com qualquer um não”.

Renata, 42 “Tenho uns clientes bem antigos, estes são firmes e certos, eu gosto de transar com eles e, além disso, pagam bem. Eu já não consigo muito homem, primeiro porque tenho essa idade, os homens só quer novinha e depois porque eu sou negra isso também conta”.

Kátia, 32 “Eu gosto mesmo é dos velhinhos são cheirosinhos, e querem mais é carinho, nem tudo é ruim na praça, existe coisas boas também”.

Nicole, 29 “Faço de tudo, mas cobro caro, tudo não, eu não beijo na boca, isso nunca, como vou beijar minha filha S... com a boca imunda? Eu prefiro mesmo é fazer com mulher, é outra coisa, mulher é muito mais delicada. Com velhinho eu perco a paciência, fico mais de uma hora com eles, dá que dá e nada da coisa funcionar, fico é cansada demais”.

Corina, 21 “Aqui na praça é muito divertido, o tempo passa e a gente nem sente, sempre tem novidade e muita sacanagem”.

Nicole, 29 “Sair da prostituição para ganhar uma merreca de salário mínimo jamais. Aqui ninguém fica me atormentando não gosto desse negócio de patrão, eu sou a patroa de mim mesmo. E você tá pensando, eu ganho mais do que você que fica andando o dia inteiro prá cima e prá baixo. (referindo-se a assistente social)”.

Karen, 27 “A gente não vai na porta de ninguém não coloco faca nem revolver na cabeça de ninguém, eles nos procuram porque quer”.

Karen, 27 “Eu tenho uma filha de um cliente, a camisinha estorou, não vejo vergonha nenhuma nisto, isto foi em 2005, hoje minha filha tem 1 ano e 4 meses”.

As drogas são geralmente consideradas substâncias aliadas, capazes de abrandar, segundo elas, as dificuldades cotidianas. As violências físicas são constantes e muitas vezes praticadas por policiais, cafetinas e cafetões, clientes e por elas mesmas.

Vivem muitas vezes em situações e condições de marginalidade, acabam se envolvendo com diversas situações, onde estão contidos drogas, álcool, criminalidade e doenças sexualmente transmissíveis.

Marta, 29 “Olha o meu rosto, estou muída, o meu companheiro quase me matou, se não fosse minha filha M. de quatro anos eu teria morrido. O homem começou a me espancar, não sabia que eu estava continuando na praça. O vizinho passou aqui e me viu e falou que ia contar pra ele. Fiquei apavorada e fui embora e contei antes e ele quase me matou com um cabo de vassoura. Minha filha agarrou as perna dele e começou a dar dentada nele, ele parou. Tive que fugir pra não morrer, saí a noite escondido, eu e minha filha. Ele é perigoso, é traficante e já deu fim em algum cara”.

Kátia, 32 “Aqui tem muita briga de mulheres por causa dos clientes, o pau quebra quando uma pega o homem da outra. E quando rola droga é pior ainda, eu procuro fugir destes problemas”.

Marta, 29 “Isso não é vida pra gente não, só corre perigo, quero ver minha filha crescer, não quero que ela fica sabendo quem eu sou, vou sair disso antes dela crescer e começar entender”.

Nicole, 29 “A polícia não deixa a gente em paz e se a gente não fica esperta apanha por qualquer coisa”.

Marluce, 30 “Tenho muito medo do mês de Dezembro é um mês perigoso, os presos são soltos e vem direto pra zona doidinhos pra transá. Em 2004 eles mataram 4 colegas nossas em uma só noite. Neste tempo eu procuro ir pra Bahia, casa de maíinha, só volto no final de Janeiro”.

Lana, 41 “Vocês pede pra eu diminuir o bagulho, não posso, seu tiver no meu normal, não agüento essa vida. Drogada eu vou com qualquer um, a droga me ajuda a ser mais forte e alegre, nessa droga de vida”.

Fátima, 42 “Meu filho de 15 anos passa aqui na praça e me vê chapada. Me falou que quer ser policial e a primera pessoa que vai prender é eu”.

Luisa, 65 “Eu não tô conseguindo quase nada, semana passada eu fiquei aqui a noite toda em frente da Igreja, passou dois home e aproveitou de mim, me espancou. Fiquei dois dias na cama, quase morri, a Vina fez esta garrafada e eu estou melhor”.

Neth, 21 “Um cara de pau aproveitou de mim tudo o que pôde, depois queria sair sem pagar eu tranquei a porta e joguei a chave pela janela. Ele pegou a correia e começou me bater, eu pulava na cama pra fugir das correçadas. O segurança escutou a gritaria e veio, ele pagou na marra. Isto é muito freqüente, muitas são mortas depois que o cachorro aproveita tudo. Nem vai pra cadeia, matar puta é como não matar ninguém”.

Neth, 21 “Se a gente cai na bobeira de reclamar pra polícia, eles ainda chama a gente de vadia e vagabunda e outros nomes”.

Nádia, 30 “Quando chego na minha cidade eu comporto de outro jeito. Lá eu sou mãe, filha e irmã, não deixo transparecer nada disso. Coloco uma pedra bem pesada e só tiro quando volto”.

Outro aspecto que aparece constantemente na fala das mulheres é a questão da religiosidade.

Elza, 42. “O único dia em que não faço programa é na sexta-feira da paixão, seria uma falta de respeito, é a morte de Deus, isso nunca”.

Fátima, “Essa vida é imunda, é vida de pecado, quando eu transo no hotel eu viro os meus santos prá parede, é sinal de respeito”.

Geovana, “Eu fico muito feliz de participar das confraternizações, vocês nunca esquece de nós”.

Sandra, “Que pena que não posso ir na reunião da Páscoa, vou ta com um cara a noite toda. Combinamos R\$ 150, 00, ele vai me dá duzentinho, vai resolver minhas dívidas”.

Neusa, “Eu acredito muito em Deus é Ele que protege a minha vida”.

Rose, “Por favor, vocês agentes, venham para o meio e faz uma roda, eu vou ficar dentro dela e vou fazer uma oração prá vocês, que eu aprendi com minha avó. É o meu presente para vocês”. (Celebração de natal de 22/12/2006).

A ambigüidade do mundo da prostituição continua até hoje, paira sobre nós, questiona-nos e lidamos no dia a dia com a fantasia e a realidade sobre a questão da prostituição.

Localizada no espaço público, rua, que foi sempre lugar do homem, a mulher sai de casa, espaço dela, e vai para a rua. Sabe lidar com o perigo, conhece as dificuldades e os segredos da rua, ocupa o espaço do homem. Atende as necessidades sexuais dos

homens “viris e normais”, define o lugar do sexo bom e do sexo ruim. Amor = casa; prazer = rua.

Representa economia alternativa, trabalho informal, todas as pessoas que estão em volta da zona ganham dinheiro, minimizando assim o conflito social.

A prostituição é tolerada pela ambigüidade, que traz e passa a ser no discurso popular “um mal necessário”. Ela vira um problema pela ambigüidade. Os problemas estruturais são omitidos e a prostituta passa a ser o “bode expiatório”. Assim aconteceu no caso da sífilis e da Aids, reforçando o estigma, marca eterna, que obriga a mulher a viver com medo, medo dos vizinhos, amigos, familiares. E se o homem a “tirar” da prostituição, vai lembrá-la sempre do seu passado. Existem também as marcas internas, o olhar do outro, mesmo que este não saiba, a incomoda, pois ela incorpora modelos da prostituição, que no cotidiano aparecem.

A maneira de a mulher prostituída viver a sexualidade incomoda e mexe com a sexualidade de cada pessoa. Ela escapa do controle masculino, transgride as normas impostas, fala de sexo e relação sexual abertamente, do que gosta e do que não gosta de fazer, age e se comporta de outra maneira. Seduz, provoca excitação e capacidade de imaginar o erótico.

Ela vende a concretização de uma fantasia, que o outro tem e que ele mesmo criou, ela dá forma a esta fantasia. Quando o homem busca uma pessoa, ele a busca para satisfazer as suas fantasias. A pessoa não tem cara, o formato da fantasia é a mulher quem dá. Ela não vende o corpo, mas um fetiche. Neste momento ela tem total poder sobre ele.

As mulheres prostitutas do baixo meretrício vivenciam uma baixa auto-estima constante. Quase sempre os vínculos familiares, em função da migração ou do preconceito, são rompidos, perdendo referências importantes para elas. A ameaça e o

perigo da contaminação pelo vírus HIV, da violência sexual e de espancamento ou até mesmo de extermínio, fazem parte do dia a dia destas mulheres.

Grande parte dos policiais, ainda não considera as mulheres prostituídas como cidadãs, diferenciando o tratamento dispensado a outras pessoas. Muitas delas acabam se suicidando ou no hospício, outras, na velhice, morrem na miséria e abandonadas.

É fundamental trabalhar o imaginário popular e principalmente o das mulheres, para que elas possam interpretar o que significa para elas hoje serem prostitutas. Para que se assumam como tais e possam perceber os riscos e os ganhos e buscarem em conjunto estratégias, para chegarem a seus objetivos.

Se não houver um trabalho de desmistificação da prostituição, fica difícil fazer um processo com estas mulheres. O que move a pessoa é o projeto de vida e faz projeto de vida só quem se reconhece como tal.

Aceitar o mundo da ambigüidade da prostituição é um desafio constante, porém muito importante para quem trabalha com as prostitutas, principalmente do baixo meretrício. Aprender a circular entre luz e trevas, ajudando as mulheres a se libertarem da culpa e reconhecerem o bem que promoveram em relação a tantas pessoas que dependeram delas.

3. EDUCAÇÃO COMO CAMINHO PARA UMA INTEGRAÇÃO PESSOAL

Quando falamos de educação estamos nos referindo às diferentes formas de socialização vividas pelo ser humano desde o seu nascimento. Muitas vezes entendemos a educação apenas como escolaridade formal, entretanto, a educação é um processo muito mais amplo que vai além da instituição escolar.

Os seres humanos nascem machos ou fêmeas, é a educação que forma sua identidade de homem e mulher. A socialização nos primeiros anos de vida deveria ser revestida de cuidados especiais. Muito mais que um repasse de informações, conceitos e habilidades, deve criar espaços de possibilidades para que o ser humano possa se tornar homem e mulher. Por isso a vitalidade, a profundidade e a importância da missão educativa, como processo que possibilita o desenvolvimento da individualidade à humanização. Esse processo continua ao longo da vida porque estamos sempre interagindo uns com os outros, ampliando e modificando essa forma de enxergar e viver. Nossa socialização se dá, portanto, a partir do gênero biológico com o qual nascemos.

Habitamos em um mundo de significados inseguros em meio a tanta diversidade de tecnologia e de tantas informações. A cada momento somos bombardeados com notícias e novos descobrimentos e não conseguimos captar tudo o que nos chega. Diante de tudo isso, como se dá a socialização de meninos e meninas? De acordo com Gebara:

Apesar do crescimento da consciência crítica de muitos educadores, é penoso afirmar que a cultura e educação transmitida continuam a ser patriarcais, isto é, propõe-se uma educação em que prevalece a figura masculina como produtora de história, ciência, religião e, portanto, de cultura (...). Precisamos ir mais longe para podermos tocar o cerne da problemática da produção da injustiça entre os gêneros e de sua reprodução através da educação (GEBARA, 2005:38).

Uma organização educacional masculinamente sexuada, favorece o sacrifício de uns, neste caso, as mulheres. Favorece a conquista de uns e a submissão de outros:

A história ensinada e a educação crítica proposta nada mais é, do que a história das conquistas de um certo modelo de história masculina em vista de outra história masculina de dominação. (...) A tradição das mulheres se encontra desvalorizada, abafada, silenciada, fadada ao esquecimento (GEBARA, 2005:39).

A educação como caminho para uma integração pessoal é possível quando ela se preocupa em abrir espaço para o ser humano aprender a respeitar-se, a ser respeitado e a respeitar o outro. Entrando como parte na construção de um projeto de vida que poderá dar sentido e significado à sua existência, levando-o a criar relações saudáveis. A educação a partir da justiça entre gêneros é possível, e é só assim que conseguiremos construir um mundo onde possamos viver a solidariedade e a igualdade entre os seres humanos.

3.1. Educação como história de vida

Uma criança que nasce, cresce e amadurece numa família com pouca formação e de baixo poder aquisitivo, inserida em núcleos geográficos marginais, e com alto índice de desemprego, possivelmente terá grandes dificuldades no desenvolvimento da personalidade.

Em algumas situações, estas famílias recorrem aos meios e atividades criminosas, para a sua sobrevivência. Outras vivem na dependência de ONGS, Instituições sócio-educativas, Igrejas ou economia informal.

As relações familiares quase sempre são fragmentadas, conflitivas, fazendo das crianças vítimas da “superioridade” geralmente do homem, manifestada na forma de

sedução, agressão sexual, violência por parte de membros da própria família, como irmãos, tios, companheiro da mãe e, muitas vezes, o próprio pai.

Este tipo de relação é um elemento forte que, em lugar de possibilitar crescimento, gera deterioração e desestruturação da personalidade. Isto dificulta a transmissão de referências essenciais para sedimentar a vida psíquica saudável da criança.

Normalmente é dentro deste quadro que surge a menina ou jovem, induzida a um aprendizado de comportamento com certos traumas que marcam profundamente a infância e o desenvolvimento sadio de sua personalidade. O destino fatal de muitas meninas é a rua, o lugar da não-cidadania, do abandono, da marginalidade e da perda do próprio ser.

As vítimas de violência na infância caracterizam-se por terem se iniciado sexualmente mais cedo, bem como por sua entrada precoce na prostituição. Sua primeira relação geralmente foi em troca de algo de valor para ela.

Refiro-me ao meio familiar como forte fator de educação e assimilação de valores para a vida. E, principalmente, refiro-me ao meio familiar de procedência da mulher prostituída, como situação que favorece e, em alguns casos, determina a chegada da menina mais cedo ao mundo da prostituição.

Compartilho a vida com as mulheres de Santo Amaro há dois anos e convivi durante quatro anos com as mulheres de Belo Horizonte, nos hotéis, bares e praças, sou testemunha do grande sofrimento, revolta e ressentimento vivido por elas, devido à desestruturação familiar.

Os fatores que contribuem para a entrada na prostituição são inúmeros. Embora uma das principais motivações seja a pobreza o desemprego, aliado à falta de oportunidades, e escolaridade:

A razão fundamental é a extrema pobreza e a necessidade de sobrevivência da mulher e de seus filhos. Podem existir outras motivações em formas de prostituição de luxo, ainda que sejam sempre a razão central as expectativas de consumo, mas do ponto de vista da incidência social dessas outras formas de prostituição das mulheres de extrema pobreza, têm adquirido níveis assustadoramente alarmantes: o setor se desenvolve de maneira paralela e em relação direta com os índices de pobreza e marginalização do país (CONFERENCIA REGIONAL LATINO-AMERICANA E CARIBENHA, 1992: 58).

Porém, entendemos que somente o fator econômico não justifica, mas ele desencadeia outros elementos. A transformação do corpo em objeto que pode ser comercializado não se dá num vazio, nem de um dia para o outro, tem uma história.

O contexto da prostituição é marcado pela violência. O estresse provocado pelo sentimento de insegurança é freqüente. O contato sexual repetidas vezes num mesmo dia, as péssimas condições de higiene nos locais de prostituição, levam a um desgaste grande. Tudo isto somado ao medo constante de serem contaminadas por portadores das mais diversas doenças, a preocupação de serem reconhecidas por vizinhos, familiares, a perseguição policial, a chantagem das cafetinas e cafetões, o preconceito da sociedade e clientes agressivos, são o pano de fundo para o adoecer psíquico e físico destas mulheres.

O mundo da prostituição apresenta duas faces distintas: a do fascínio e a da degradação física e mental. No início da carreira, pode até predominar o glamour da vida noturna. O dinheiro, os corpos bonitos e o prazer imediato. O sonho de abandoná-la mais tarde logo se esvaece. Os baixos índices de escolaridade, a falta de habilitação profissional, a pequena oferta de emprego e o preconceito social se encarregam de deixá-las lá onde nunca deveriam ter chegado.

Porém, algumas mulheres são resilientes, resistem à adversidade e utilizam-na para crescer e conseguem dar a volta por cima. Neste sentido, a história de vida da família não precisa, necessariamente, ser repetida por elas.

3.2. Educação sexual como projeto de vida

A sexualidade é uma das energias estruturantes do ser humano, é o centro a partir do qual se afirma a complexidade da questão de gênero. Ela perpassa toda realidade humana e é expressão da própria vida, pois está presente em todos os campos do agir humano, é uma energia que movimenta a nossa vida.

A sexualidade humana é resultante das conexões formadas pelas dimensões biológicas, psicológicas e sócio-culturais. Traços hereditários, formações anatômicas, níveis hormonais, afetos familiares, padrão econômico, características culturais, adoção da fé, entre outros, são aspectos que dão forma ao comportamento sexual de cada um, transformando o desenvolvimento psicosexual em um processo único e pessoal (Canosa, 2003).

È preciso uma educação que trabalhe a sexualidade de forma integrada, para que compreenda e atenda as necessidades, medos e inquietações do ser humano.

A sexualidade envolve não só o ser macho e fêmea, mas também os sentimentos de ser mulher ou homem, características da feminilidade e masculinidade.

A identidade de sexo diz respeito aos aspectos biológicos, à consciência do sexo a que se pertence biologicamente, definindo o macho e a fêmea. A identidade de gênero se refere aos aspectos culturais e individuais dessa consciência, definindo o masculino e o feminino. Identidade de gênero e identidade de sexo constituem a Identidade Sexual (PINTO, 1999: 62).

Segundo Gebara (2005), o sexo biológico é culturizado, só existe como problema ou como maravilha a partir da socialização que recebemos, construímos e reproduzimos. Não se pode falar de sexualidade em geral, devemos levar em consideração o tempo, o contexto, o grupo e também a vivência pessoal da sexualidade por uma mulher ou por um homem, em particular nos diferentes momentos da vida. Não podemos cair na imprudência de generalizar, quando nos referimos à vivência da

sexualidade. As generalidades impedem uma ação em vista da transformação das relações humanas na linha da justiça e do direito. É preciso levar em conta o diferente e as diferentes circunstâncias da história de vida dos seres humanos, e as experiências humanas em torno da sexualidade.

O foco deste trabalho é a educação sexual da mulher prostituída. O sexo pertence à pessoa e é da pessoa, ser sexuado, que recebe valor e significado. Ele não subsiste como realidade independente, o que existe é a pessoa sexuada.

Para falar sobre educação sexual, pressupõe uma concepção do ser humano, e esta concepção interfere no projeto de educação sexual. Ademais é preciso e importante conhecer o contexto da pessoa.

A mulher prostituída, empobrecida, estigmatizada, é um grupo que vive a sexualidade de maneira própria, porém não discrepante do comum de todas nós. Mulheres que sobrevivem heroicamente da “batalha” – algumas para sustentar os filhos e outras que, para mim, são incógnitas, objetos de uso e maus tratos descritos anteriormente. Vêm de uma realidade familiar bastante comprometida e de muita violência, principalmente a violência sexual.

Corpos feridos, identidade diluída. A socialização que recebemos e construímos, realmente é fundamental na vivência de uma sexualidade integrada. Temos diante de nós no dia a dia, uma realidade gritante que confirma na prática esta teoria. É, além disso, a influência constante por fatores às vezes agravantes.

Falar de sexualidade é ser capaz de delimitar as significações atribuídas ao corpo feminino, mais ainda da mulher em situação de prostituição. Falar de sexualidade nesta ótica é ainda entender o corpo genital como fonte de opressão e dominação, desrespeito e opressão para muitas destas mulheres e de outras, não prostituídas. Sabemos que a

sexualidade não se reduz a genitalidade, mas este trabalho ficaria incompleto se não fosse dado um destaque à questão da genitalidade.

A opressão e dominação não se dão através de agressões diretas ao corpo feminino sexuado, mas através da linguagem que dá significado a cada corpo (...) A genitalidade é o lugar onde algo de minha identidade se manifesta e se constrói. A genitalidade é também uma linguagem da cultura em um lugar do poder, o lugar do silêncio feminino, da violência e dominação. É lá o lugar da repressão específica da mulher, da repressão social e religiosa, repressão do Eros feminino e condição para construção masculina (GEBARA: 2005:16, 17).

Mais uma vez, trazemos a importância da educação como fator insubstituível para uma sexualidade integrada, direito e dever de todo ser humano. As mulheres ainda são educadas para se sentirem frágeis, inferiores, dependentes, atraentes para os homens, escravas da ditadura da moda e da mídia. Expropria-se de seu próprio corpo e de sua subjetividade e passa a viver a necessidade de “ser-para-os-outros”.

Os meios de comunicação têm uma responsabilidade imensa na tarefa de reinventar o ser humano e na tarefa de ajudar a despertar o melhor que existe em nós a fim de que sejamos capazes de construir um mundo em que todos caibam.

Segundo Padre Ronaldo Zacharias, é de suma importância, quando nos referimos à educação sexual, levar em conta os critérios Éticos. As diferenças anatômicas e psicológicas entre homem e mulher não significam superioridade de um em relação ao outro. Os sexos são diferentes, mas iguais em dignidade e valor. A sexualidade deve orientar-se para o sentido fundamental que caracteriza a existência humana, diálogo de amor consigo e com o outro. Educação para ser e fazer-se Dom na vida do outro e transcender-se. Ela é Dom de Deus e deve ser abraçada e assumida com responsabilidade, daí a importância da educação para o amor. Os valores abraçados são critérios para a vivência da sexualidade, por isso quase impossível falar sobre educação sexual, sem referir-se a educação para os valores. A sexualidade também está a serviço

da comunicação interpessoal e da transmissão da vida humana, do crescimento interior da pessoa e de sua relação e diálogo com o absoluto.

Criar e estimular ações que contribuam para o estabelecimento de novas formas de convivência, partindo do reconhecimento de que certos posicionamentos sociais acabam por transformar as diferenças em desigualdades, o que pode gerar intolerância, discriminação e segregação, intensificando situações de exclusão e de humilhação em diversas esferas da vida das pessoas. Entendemos que a educação social pode e deve assumir um caráter de empublicizar, através do desenvolvimento de uma postura que enfatize pontos fortes e potencialidades das pessoas e grupos, desenvolvendo ações que se contraponham às abordagens assistencialistas. Fomentar a construção de redes de cooperação, de forma a potencializar os serviços existentes, criando-se novas parcerias e possibilitando amplas discussões.

Proporcionar a educação integral do ser humano, entendido como a preparação para a convivência com seus semelhantes.

A prostituição não deveria ser vista e aceita como projeto de vida e tão pouco uma opção de vida. O ser humano é o único que pode dar à sexualidade a dimensão do amor. Na exploração, estigmatização, exclusão e desrespeito pelo outro, não pode haver o amor. Com que sonham estas mulheres? Há sonhos? É a partir dos sonhos que podemos começar a propor valores e pensar projetos de vida, abrindo espaços de possibilidades e alternativas de vida para aquelas que desejam outro caminho. A falta de projeto de vida deixa a pessoa vulnerável, sem rumo. É preciso buscar motivações e significado para o agir dessas mulheres.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, foi possível fazer algumas considerações e constatações a respeito da prostituição, principalmente sobre a mulher pobre que sobrevive desta prática. É um tema amplo e contraditório e de difícil abordagem.

Nesta dissertação foi apresentado como a sociedade vê a prostituição ao longo da história, analisando o significado que ela teve em cada época, até chegar à prostituição no Brasil e particularmente na zona sul de São Paulo-Santo Amaro.

Sem dúvida, percebe-se que ocorreram mudanças significativas na prostituição e continuam ocorrendo. Ela pode ser vivida como glamour por algumas mulheres, porém, para a maioria, é meio de sobrevivência, melhores condições de vida, falta de opção.

Existe um esteriótipo social de que muitas mulheres recorrem à prostituição pelo fato de obterem “facilmente” dinheiro, chamadas de “mulheres de vida fácil” sem ter que se submeterem a um emprego formal. As mulheres empobrecidas de Belo Horizonte e de Santo Amaro, não se enquadram nestes esteriótipos. São mulheres que “batalham” para sustentar os filhos, mulheres pobres, sem qualificação para o trabalho e com baixa escolaridade. O dinheiro que adquirem pode até ser rápido, porém nada fácil, muito sofrido, devido aos perigos, humilhações e tantas outras dificuldades que enfrentam no dia a dia, resultado de uma sociedade preconceituosa, capitalista e excludente.

Percebe-se então que uma situação econômica precária, marcada pela difícil colocação no mercado de trabalho, acaba sendo também uma forte justificativa para o fato de a mulher se dedicar à prostituição. Tudo isto somado a uma grave desestruturação familiar, acarretando problemas e distúrbios psicológicos, tornando a

mulher vítima das circunstâncias, por estar desprovida de uma preparação adequada quanto à formação profissional e humana.

Este é um dos reflexos da realidade global em que mulheres de baixa renda em situação de prostituição acham-se imersas. Cenário marcado por um alto índice de violência, tráfico, consumo de drogas, exclusão, discriminação e estigmatização social. Muitas são assassinadas, violentadas, exploradas, outras são vítimas da máfia do tráfico de mulheres e vivem perseguidas.

Este cenário também está marcado pela organização das profissionais do sexo pela sua autodeterminação, diversidade cultural, solidariedade entre elas, luta pela sobrevivência e pela resistência diante da realidade imposta.

A pesquisa de campo, da qual eu fiz parte, realizada em 2005 por duas cientistas sociais e duas pedagogas, a pedido da Congregação das Irmãs Oblatas, que está começando um projeto com as mulheres de Santo Amaro, trouxe muita luz para a melhor compreensão da realidade.

Este trabalho não se conclui aqui, a temática e as questões refletidas são um convite a aprofundamentos futuros, a partir da contínua dinâmica da vida, que constantemente cresce, amadurece, torna-se fruto e traz novas reflexões.

5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICA

CALLIGARIS, E. R. **Prostituição: O eterno Feminino**. São Paulo: Escuta, 2005.

CONSOLI, R. **O papel social da mulher de baixa renda que exerce a prostituição nos grandes centros urbanos, 2005**. Monografia do curso de graduação em Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica de Belo Horizonte.

CONFERÊNCIA REGIONAL LATINO AMERICANA E CARIBENHA. **Violência, poder, escravidão sexual**: Mulheres e crianças são as principais vítimas. FAI, SMM, BIGE. São Paulo, 1992.

DIMENSTEIN, G. **Meninas da Noite**. São Paulo: Àtica, 1992.

FONSECA, G. **História da Prostituição em São Paulo**. São Paulo: Editora Resenha Universitária, 1982.

GEBARA, I. **Gênero e Sexualidade**: Uma questão Política. São Paulo: Cepis, 2005.

GRUMAN, Marcelo – **A Prostituição Judaica no Início do Século XX**: desafio à construção de uma identidade étnica positiva no Brasil, 2006. Disponível em: <http://calvados.c3sl.ufpr.br>.> Acesso em: 18/04/2007.

HERMANAS OBLATAS DEL SANTÍSSIMO REDENTOR. **Biblioteca Histórica v.1**: Orígenes de lá Congregación. Cronologias Generales Y Documentos Vários. Nueva edición con Introducción, transcripción y notas de F. Ferreiro. M. Quesada y Maria A. Urdiales. Madrid 1981.

INTITUTO DAS IRMÃS OBLATAS DO SANTÍSSIMO REDENTOR. **Caminhada Redentora: 70 anos de presença Oblata no Brasil**. São Paulo, 2005.

INSTITUTO DAS IRMÃS OBLATAS DO SANTÍSSIMO REDENTOR (org.) **Relatório final da pesquisa de campo no Bairro de Santo Amaro**: Um estudo etnográfico da realidade de mulheres em situação de prostituição. São Paulo, 2005.

MEDEIROS, R. (org) et al. **Permanências e mudanças em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Puc Minas, 2001.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Profissionais do sexo: Documento referencial para ações de prevenção das DST e Aids**. Séries manuais, no 47.

MORAES, A. F. **Mulheres da Vila**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MOSER, A. **O Enigma da esfinge: A sexualidade**. Petrópolis: Vozes, 2004.

PINTO, Ê. B. **Orientação sexual na escola**. São Paulo: Editora Gente, 1999.

PIRES, J. M. **O grito de milhões de escravas**. Petrópolis: Vozes, 1983.

RAGO, M. **Prostituição: Permanências e mudanças**. In: conferência Regional Latino Americana, 1993. São Paulo: Brasil.

Retirado do texto: **O educador sexual e o adolescente: um namoro que dá certo!** Autoria de Ana Cristina Canosa Gonçalves apud BERENSTEIN, E. (org) **Sexualidade responsável** – gravidez na adolescência, Cap.4, p.55-71. Laboratório Organon do Brasil, Ltda. São Paulo: PLANMARK, 2003.

6. ANEXO

ANEXO A - Questionário aplicado com as mulheres em situação de prostituição, na região central de Santo Amaro

**Questionário aplicado com as mulheres em situação de prostituição, na
região central de Santo Amaro.
Junho de 2005**

1) Identificação (opcional)

2) Idade (em anos completo)

3) Você se considera:

- branco
- pardo
- preto
- amarelo
- indígena

4) Onde você nasceu? (Cidade/Estado)

5) Há quanto tempo você mora em São Paulo?

6) Qual o bairro que você mora atualmente?

7) Com quem você vive atualmente?

- Sozinha
- Com filhos(as) e companheiro
- Só com filhos(as)
- Só com companheiro
- Com outros familiares. Quais?

8) Quantos filhos (as) você tem?

9) Qual a sua escolaridade?

10) Estuda atualmente? () sim () não

11) Há quanto tempo você trabalha como profissional do sexo?

12) O que a prostituição significa para você?

13) Você exerce algum outro tipo de atividade remunerada?

14) Qual a sua renda familiar?

- Até R\$ 150,00
- Até R\$ 300,00
- Até R\$ 600,00
- Acima de R\$ 1200,00

15) Quantas pessoas vivem desta renda?

16) Quantas pessoas contribuem para a renda familiar?

17) Você participa ou já participou de algum tipo de organização social? (Ex: organização de bairro, associações culturais, igreja, sindicato, etc).

18) Que tipo de trabalho você acha que as Irmãs Oblatas deveriam desenvolver para melhoria de sua condição de vida?

19) O que pensa realizar em sua vida, como pensa estar no futuro, qual seu sonho de vida, e o que faz hoje para realizar isto?

20) Quais os principais problemas enfrentados em sua atividade?
